## **KATHERINE MANSFIELD**

"Katherine Mansfield é o único contista de gênio indubitável de quantos têm aparecido neste século." <sup>29</sup> Essa opinião de Gerard Bullett é característica da estima que a crítica anglo-saxônica, depois de breve eclipse, devota a essa cultora do gênero. Mesmo os que não a canonizam com o entusiasmo de seu viúvo, John Middleton Murry, chamando-a "o escritor maravilhoso e o mais lindo espírito de nosso tempo", <sup>30</sup> concordam com Ian A. Gordon quando este afirma que "depois de Joyce e Katherine Mansfield nem o romance nem o conto poderiam voltar a serem os mesmos." <sup>31</sup>

A escritora, de nome completo Katherine Mansfield Beauchamp, neozelandesa de terceira geração, nasceu em 1888, em Wellington, filha de família abastada, e frequentou os melhores colégios de sua cidade natal. Para completar-lhe a educação, os pais mandaram-na, em 1903, para Londres, onde permaneceu até 1906. Como, de volta à família, já não encontrasse o seu lugar na sociedade tosca e patriarcal da colônia, os pais autorizaram-na a retornar dois anos depois à Inglaterra, de onde nunca mais voltaria e onde bem cedo encontraria sua vocação de escritora. Com isso começaria o longo exílio de Katherine, embora suavizado pelo auxílio permanente dos seus. Começou a atrair a atenção como autora de pequenos sketches, crônicas, narrativas leves. Seu primeiro livro, Numa pensão alemã (1912), teve bom êxito, alcançando logo três edições. É uma coletânea de instantâneos cheios de ironia e malícia, em que a autora punha à mostra os defeitos mais chocantes dos alemães — sua inata falta de delicadeza e tato, sua grosseria natural, seu gosto em comentar as funções fisiológicas, seu incurável esnobismo, sua impertinente suficiência, sua xenofobia. (Durante a Primeira Guerra Mundial, uma editora quis aproveitar o forte ódio dos ingleses aos alemães e ofereceu importância elevada pelos direitos de reedição; Katherine, porém, não quis explorar a onda, e o livro só reapareceu depois da sua morte.)

Sua ruptura com a Nova Zelândia foi como que selada pela visita do irmão a Londres: ele veio vê-la em 1917, de passagem para frente de batalha, onde morreria logo depois.

Daí por diante, ela sentiria como que uma obrigação solene para com o morto querido reconstituir em seus escritos a mocidade comum de ambos; foi o que fez em toda uma série de novelas e contos neozelandeses, com sua paisagem perfeitamente identificável.

A essa altura ela já tinha atrás si uma acidentada vida amorosa com várias aventuras, entre elas um primeiro casamento malogrado e a vida em comum, a partir de 1913, com o crítico inglês John Middleton Murry, que a desposaria em 1918. O casal foi viver em Paris, onde conheceu D.H. Lawrence e muitos escritores franceses. Contudo, Katherine, cuja vida já na Inglaterra apresentava grande instabilidade (que se pode depreender dos 29 endereços que ela teve naquele período), tampouco pôde fixar-se em Paris, pois uma tuberculose incipiente a obrigou a procurar a saúde em grande número de estações de cura nas montanhas da Suíça e da França. Encontrou o último refúgio no convento leigo do místico russo Gurdjeff, em Fontainebleau, onde faleceu, em 1923. Nos últimos anos da vida trabalhara febrilmente, havendo publicado os volumes de contos e novelas Prelúdio (1918), Je ne parle pas français (1920), Bliss and Other Stories (1921) e The Garden Party and Other Stories (1922), recebidos com aplausos pela crítica. Suas obras póstumas, entre elas muitos fragmentos, foram editadas por Middleton Murry.

Em seus contos, atingiu Katherine Mansfield uma leveza de toque, uma beleza poética e um poder de sugestão raramente alcançados. Tinha profunda admiração a Tchekov,<sup>32</sup> de quem lembra o tom coloquial, a quase ausência de trama, a caracterização rápida, o tratamento impressionista. Suas histórias são sempre do ponto de vista das personagens: quase sempre são episódios vividos por ela mesma, rodeados de uma atmosfera magicamente evocada. Os acontecimentos são antes sugeridos que relatados. Passado, presente e futuro misturam-se e envolvem os fenômenos em uma aura de sonho. As personagens revelam-se pelo stream of consciousness em forma de discurso indireto livre de que a autora foi um dos iniciadores. Ela trabalhava e retrabalhava as suas histórias numa busca ansiosa de perfeição. Procurava "ser simples como a gente quer ser simples diante de Deus".33

Entre seus escritos mais típicos, lembremos "Felicidade", em que uma jovem esposa, num dia de absoluta bem-aventurança, descobre de súbito que o marido a engana com a sua melhor amiga. "The garden party" relata uma festa de grande brilho em que os convidados se divertem no auge do entusiasmo; no fim, a jovem da casa leva os restos de comida para a vizinhança, onde celebram o velório de um operário; ver o rosto do morto apaga toda a sua alegria. Outro banquete familiar é descrito em "Uma família ideal": no meio dos hóspedes exaltados ninguém percebe que o dono da casa se sente morrer. Quase sempre uma gota de amargura se mistura aos momentos de elação; depois tudo volta a correr como dantes. Em "Vestidos novos", a menina menos amada pelos pais rasga a roupa com que a presentearam para dá-la a um pobre. O sonho e o absurdo interferem na vida a cada passo. Uma meninazinha é raptada por duas ciganas,

distrai-se a valer com a aventura, e fica desapontadíssima quando a resgatam ("Como Pearl Button foi raptada"). A pequena modista, depois de ter, o dia todo, experimentado chapéus nas senhoras elegantes, ao chegar a casa imagina ser uma de suas freguesas ("O cansaço de Rosabel"). Uma pobre professora de línguas se regozija do belo dia de sol num banco de jardim; um casal de namorados, no mesmo banco, faz a seu respeito comentários desagradáveis ("Miss Brill"). Também, em novelas de certa extensão, como "Prelúdio" e "Na baía", Katherine Manfield assinala num relance as tensões e as ameaças que existem veladas pelo dia a dia de boas e ricas famílias neozelandesas, parecidas com a sua.

Tão grande foi a influência da escritora, na Inglaterra e fora dela, que se pôde falar, nas diversas literaturas, de "família Mansfield", como o fez em 1941 o crítico Álvaro Lins ao comentar os livros de certo número de novos contistas brasileiros. "Mas, afinal, o que caracteriza ou o que deveria caracterizar essa família Mansfield?" — perguntava.

Antes de tudo, a preferência pelo conto; e depois, no conto, certos atributos particulares de técnica e de espírito; ausência ou presença muito diluída de um enredo; delicadeza, sutileza e finura no tratamento de todos os assuntos, mesmo os que parecem mais cruéis ou mais trágicos; uma suavidade e leveza de tons que atingem o poético pela superfície das coisas; extrema simplicidade de estilo, sempre direto e claríssimo; mais subjetividade do que objetividade nos fins a atingir; elementos psicológicos e sociológicos entrosados, aparecendo, porém, mais por sugestão que por afirmação.

E conclui com esta frase particularmente feliz: "O leitor de um conto de Katherine Mansfield sente-se geralmente capaz de fazer outro igual ou em condições semelhantes."34

## A VIDA DE TIA PARKER

Quando o literato cujo apartamento a velha tia Parker limpava todas as terças-feiras lhe abriu a porta aquela manhã, pediu-lhe notícias a respeito do neto dela. Tia Parker deteve-se sobre o capacho posto do lado de dentro da entrada pequena e escura e estendeu a mão para ajudar o patrão a fechar a porta, antes de responder-lhe.

- Enterramo-lo ontem, senhor declarou calmamente.
- Oh, meu Deus! Sinto muito ouvir isso replicou o literato em tom escandalizado.

Estava no meio de seu café da manhã. Vestia um roupão surradíssimo e trazia numa das mãos um jornal amassado. Sentiu-se confuso; era-lhe difícil voltar à tépida sala de estar sem dizer algo — algo mais. E então, como esta classe de gente dá grande importância a enterros, disse bondosamente:

— Espero que o funeral tenha corrido bem.

— Desculpe, senhor: como? — perguntou tia Parker em voz rouca.

Pobre velhinha! Parecia aturdida.

— Espero que o funeral tenha sido um sucesso.

Tia Parker não respondeu. Curvou a cabeça e dirigiu-se capengando para a cozinha, agarrada à velha sacola de compras que continha os objetos de limpeza, um avental e um par de sapatos de feltro. O literato alçou as sobrancelhas e voltou ao café.

— Deve estar esgotada. — disse alto, servindo-se de geleia de laranja.

Tia Parker tirou do seu coque os dois alfinetes de chapéu cor de azeviche e os pendurou atrás da porta. Desabotoou o casaco puído e o pendurou também. Amarrou então o avental e sentou-se para descalçar as botinas. Era-lhe um suplício calçá-las ou descalçá-las. E havia muitos anos que tal suplício durava. Em verdade já se achava tão acostumada à dor que suas feições se contraíam e se retesavam, prontas para a pontada antes até de desatar os cordões do sapato. Depois disso, recostou-se com um suspiro de alívio e esfregou os joelhos suavemente.

## — Vó! Vó!

O netinho aprumava-se-lhe no colo, com suas botinas de abotoar. Acabara de chegar da rua, onde brincava.

— Olha só de que jeito você deixou a saia de sua avó... Seu travesso!

Porém ele lhe passava os braços em volta do pescoço e esfregava o rosto no dela.

- Vó, dá um tostão pra mim pedia carinhosamente.
- Sai daqui; vovó não tem tostão nenhum.
- Tem, sim.
- Não tem, não.

E já ela procurava, às apalpadelas, a carteira velha e mole, de couro preto.

— Muito bem; que é que você vai dar para a vovó?

Ele soltava uma risadinha tímida e se encostava mais. Ela sentia na face o estremecer das pestanas do netinho.

— Não tenho nada — sussurrava.

A velha ergueu-se de repente, agarrou, no fogão a gás, a chaleira de ferro e a levou à pia. O ruído da água a tamborilar na chaleira parecia amortecer-lhe a dor. Encheu também o balde e a vasilha de limpeza.

Tomaria todo um livro a descrição do estado daquela cozinha. Durante a semana, o literato cuidava sozinho de tudo. Isto é, de vez em quando despejava num pote de geleia vazio, reservado para este fim, as folhas de chá e, se faltavam garfos limpos, limpava um ou dois na toalha de mão.

Quanto ao resto, segundo ele explicava aos amigos, o seu "sistema" era bem simples,

e não entendia por que as pessoas complicavam tanto o serviço de uma casa.

— Simplesmente se suja tudo o que se tem, se arranja uma velha bruxa para vir uma vez por semana limpar tudo, e o caso está resolvido.

O resultado assemelhava-se a uma gigantesca lata de lixo. Até o soalho ficava juncado de farelo de torradas, invólucros, pontas de cigarro. Porém, tia Parker não tinha contra ele nenhum ressentimento. Penalizava-a, isto sim, o fato de o pobre rapaz não ter ninguém para cuidar dele.

Pela janelinha suja via-se uma enorme extensão de céu tristonho, e, se havia nuvens, tinham o ar de velhas e gastas, esfiapadas nas orlas esburacadas, ou com manchas escuras como chá.

Enquanto a água esquentava, tia Parker começou a varrer o chão. — "Pois é" — pensava ela, ao passo que a vassoura trabalhava —, "seja por isto, seja por aquilo, tenho tido o meu quinhão. A minha vida tem sido bem dura."

Até os vizinhos diziam isto dela. Muitas vezes, arrastando-se para casa com a sacola, ouvia-os — pelas esquinas ou debruçados nos corrimões — dizerem entre si: "— Tia Parker tem tido uma vida dura, ora se tem!" E isto era tão verdadeiro que nem sequer lhe dava orgulho. Era como se se dissesse que ela morava no porão do número 27, nos fundos. Uma vida dura!

Aos 16 anos partiu de Stratford e chegou a Londres como ajudante de cozinha. Sim, senhor, ela nascera em Stratford-on-Avon. Shakespeare, senhor? Não. Sempre lhe faziam perguntas sobre ele; ela, porém, nunca lhe escutara o nome até vê-lo nos cartazes dos teatros.

Nada restava de Stratford, salvo que, "sentada junto ao fogão, de noite, poder-se-iam ver as estrelas pela chaminé", e "Mamãe tinha sempre lombo de porco defumado pendurado no teto". E havia mais alguma coisa — um arbusto, parece, junto à porta de entrada — que cheirava sempre tão bem. Porém o arbusto era muito vago. Ela só se recordara dele uma ou duas vezes, no hospital, aonde a levaram quando doente.

Era um lugar horrível — seu primeiro emprego. Nunca lhe permitiam sair. Nunca subia ao andar superior, a não ser para as preces da manhã e do anoitecer. Era um verdadeiro porão, e a cozinheira uma mulher cruel. Arrancava-lhe as cartas que lhe chegavam de casa, antes que ela as lesse, e atirava-as ao fogão, porque a tornavam sonhadora... E as baratas? Acreditam? Até vir para Londres ela nunca tinha visto uma barata. Aí tia Parker sempre dava um risinho — como se... Nunca tinha visto uma barata! Ora! Era o mesmo que dizer que nunca vira os próprios pés!

Quando a família foi executada judicialmente, ela entrou para a casa de um doutor como "ajudante", e, depois de dois anos lá, labutando da manhã à noite, casou-se. Seu marido era padeiro.

— Padeiro, sra. Parker! — dizia o literato, pois de vez em quando deixava de lado os

livros e prestava pelo menos um ouvido a este produto chamado Vida. — Deve ser bem divertido ser casada com um padeiro!

A sra. Parker não parecia lá muito segura disso.

— O tipo da profissão perfeita — dizia o cavalheiro.

A sra. Parker não parecia lá muito convencida.

- E a senhora não gostava de entregar os pães frescos aos fregueses?
- Bem, senhor: antes de tudo, eu não ficava na loja. Tivemos 13 pequenos e enterramos sete deles. Quando não era o hospital, era a enfermaria, eu que o diga!
- A senhora pode mesmo dizer, sra. Parker! retrucou horrorizado o cavalheiro, retomando a pena.

Sim, sete se tinham ido, e os seis restantes ainda eram pequenos quando o marido ficou tísico. "— Foi a farinha de trigo nos pulmões" — disse-lhe o doutor nessa ocasião... O marido sentou-se na cama com a camisa repuxada sobre a cabeça, e o dedo do médico traçou-lhe um círculo nas costas.

— Se nós fôssemos agora fazer uma abertura aqui, sra. Parker — disse o doutor —, a senhora ver-lhe-ia os pulmões cheios de pó branco. Respire, meu caro!

E a sra. Parker jamais soube se na realidade viu, ou se apenas pensou que viu, uma grande nuvem de poeira branca sair de entre os lábios de seu pobre e querido esposo...

Mas que luta a sua para criar aquelas seis criancinhas e viver só! Foi terrível! Então, justamente quando eles já estavam em idade de ir para a escola, a irmã de seu marido veio morar com eles para ajudar a cuidar das coisas, e mal se passaram dois meses caiu de um lance de escada e machucou a espinha. E, durante cinco anos, tia Parker teve outra criança — e como era chorona! — para cuidar. Então a jovem Maudie perdeu-se, e levou consigo a irmã Alice; os dois rapazes emigraram; o Jaimezinho, o mais novo deles, foi com o exército para a Índia; e Ethel, a caçula, casou-se com um garçonzinho que não valia nada e morreu de úlcera no ano em que nasceu o pequeno Lennie. E agora o pequeno Lennie — meu neto...

A pilha de xícaras sujas, pratos sujos, foi lavada e enxugada. As facas acinzentadas foram limpas com um pedaço de batata e polidas com cortiça. A mesa foi esfregada tal como o aparador da cozinha, e a pia, onde havia rabos de sardinha sobrenadando...

Ele nunca fora uma criança forte — nunca, desde o começo da vida. Tinha sido um desses meninos bonitos que todos tomam por menina. Cachos de um louro prateado, olhos azuis, e uma pequena sarda num lado do nariz, como um brilhante. Que trabalho tiveram ela e Ethel para criar aquele pequeno! Quantas coisas viam nos jornais e o faziam tomar! Todos os domingos de manhã Ethel lia em voz alta, enquanto tia Parker fazia a limpeza.

"Caro senhor. — Somente duas linhas para informá-lo de que minha pequena Myrtle estava quase morta... Depois de quatro frascos... engordou oito libras em nove semanas,

e ainda continua engordando."

Então o copinho de ovo cheio de tinta descia da prateleira do aparador, e a carta era escrita, e, na manhã seguinte, ao ir para o trabalho, tia Parker enviava o vale postal. Porém não adiantava. Nada fazia engordar o pequeno Lennie. Nem mesmo levarem-no a passear no cemitério o fazia ficar corado, nem uma boa sacudidela no ônibus nunca lhe melhorou o apetite.

Mas era o menino da vovó desde que nascera.

— De quem é este menino? — perguntava-lhe a velha tia Parker, movendo-se de junto do fogão para a janela suja.

E uma vozinha tão tépida, tão íntima, que quase a sufocava — parecia estar em seu peito, debaixo do coração —, respondia rindo:

— É o menino da vovó!

Naquele momento ouviu-se um barulho de passos, e o literato apareceu, vestido para sair.

- Oh, sra. Parker, vou à rua.
- Está bem, senhor.
- A meia coroa da senhora está na bandeja do tinteiro.
- Obrigada, senhor.
- Ah, a propósito, sra. Parker disse o literato rapidamente —, a senhora não jogou fora nenhum chocolate da última vez que esteve aqui, não é?
  - Não, senhor.
- É muito esquisito. Eu poderia jurar que tinha deixado uma colher de chá de chocolate na lata.

Interrompeu-se. Continuou, delicado mas firmemente:

— Sempre que a senhora jogar alguma coisa fora, me diga, sim, sra. Parker?

E retirou-se contentíssimo consigo mesmo, realmente convencido de que tinha mostrado à sra. Parker que, sob seu aparente descuido, era tão atento quanto uma mulher.

A porta bateu. Ela levou as escovas e panos para o quarto. Mas, quando começou a fazer a cama, alisando, prendendo, afofando com tapinhas, a saudade de Lennie tornouse insuportável. Por que tivera ele de sofrer tanto? Isto é que não podia entender. Por que teria um anjinho de procurar a respiração e lutar por ela? Era absurdo fazer uma criança sofrer tanto.

... Da caixinha do peito de Lennie saía um som como se alguma coisa estivesse fervendo. Havia no seu peito um grande bolo de algo borbulhante, do qual ele não se podia livrar. Quando tossia, o suor porejava-lhe da fronte, os olhos se esbugalhavam, as mãos abanavam, e o bolo borbulhava como uma batata pula na panela. O mais terrível,

porém, era quando ele não tossia e sentava-se recostado no travesseiro, sem falar nem responder, nem sequer dar sinal de que escutava. Parecia apenas magoado.

— Não é culpa da velha vovó, queridinho — dizia a velha tia Parker, afastando-lhe carinhosamente para trás das orelhas escarlates o cabelo úmido. Mas Lennie movia a cabeça e desviava-se. Parecia mortalmente sentido com ela — e sério. Curvava a cabeça e olhava de esguelha para ela, como se não pudesse acreditar que sua avó fosse capaz daquilo.

Mas, por fim... tia Parker atirou a colcha em cima da cama. Não, simplesmente ela não podia pensar em tal coisa. Era demais — já aguentara demais na vida. Suportara até agora, mantivera-se sozinha, e nem uma vez fora vista chorando. Fosse por quem fosse. Nem os próprios filhos tinham visto tia Parker sucumbir. Sempre conservara um semblante altivo. Porém desta vez! Lennie morto — que lhe restava? Nada. Ele era tudo quanto a vida lhe dera, e agora também lhe fora tomado. "— Por que tudo isto teve de me acontecer?"— perguntava a si mesma. "— Que fiz eu?", dizia a velha tia Parker. "— Que fiz eu?"

Enquanto pronunciava essas palavras, deixou cair a escova. Deu consigo na cozinha. Seu sofrimento era tão horrível que ela prendeu o chapéu na cabeça com os alfinetes, vestiu o casaco e saiu do apartamento como num sonho. Não sabia o que estava fazendo. Era como alguém que, de tão aturdido com o horror do que lhe acontecera, andasse sem parar — em qualquer direção, como se pelo andar incessante pudesse fugir...

Fazia frio na rua. Havia um vento gelado. As pessoas cruzavam-se rapidamente, ligeiríssimas, os homens andavam como tesouras; as mulheres caminhavam como gatos. E ninguém sabia — ninguém se importava. E, se ela desanimasse, se, afinal, depois de todos esses anos, fosse chorar, levá-la-iam presa, provavelmente.

Mas, à ideia de chorar, teve a impressão de que o pequeno Lennie se lançava nos braços da avó. Ah, isto é o que ela quer, meu bem. Vovó quer chorar. Se agora pudesse unicamente chorar, chorar por muito tempo, por todas as coisas, começando pelo primeiro emprego e a cozinheira cruel, continuando pela casa do doutor, e depois pelos sete pequeninos, a morte do marido, o abandono dos filhos e todos os anos de sofrimentos que iam até Lennie! Mas o pranto necessário a todas estas coisas tomaria muito tempo. Não obstante, chegara o dia. Devia fazê-lo. Já não podia adiar; não podia esperar mais. Aonde poderia ir?

"— Tia Parker tem tido uma vida dura; se tem!"

Sim, uma vida dura, na verdade! Seu queixo pegou a tremer; não podia perder tempo. Mas onde? Onde?

Não podia ir para casa: Ethel estava lá. Ficaria mortalmente assustada. Não podia

sentar-se num banco qualquer: viriam fazer-lhe perguntas. Não podia, absolutamente, voltar ao apartamento do cavalheiro: não tinha o direito de chorar na casa dos outros. Se acaso se sentasse em algum degrau, um guarda viria falar-lhe.

Oh, não haveria um lugar onde pudesse esconder-se e isolar-se, e permanecer o tempo que quisesse, sem perturbar ninguém, sem ninguém para aborrecê-la? Não haveria nenhum lugar no mundo onde pudesse, enfim, chorar a seu gosto?

Tia Parker estava de pé olhando de um lado para outro. Ao sopro do vento gelado, seu avental inflava-se como um balão. E agora começava a chover. Não havia nenhum lugar.

## **FEUILLE D'ALBUM**

Era, em verdade, um sujeito impossível. Arisco demais, sem absolutamente nada a seu favor. A companhia dele pesava. Se aparecia num estúdio, não tinha hora de sair, e ficava lá, sentado, até dar vontade à gente de gritar e de atirar atrás dele algum objeto enorme — a estufa, por exemplo — quando, afinal, corando, se dispunha a sair. O que havia de estranho era que à primeira vista parecia mais interessante. Nisso todos estavam de acordo. Quem entrasse no café uma tarde, lá veria, sentado a um cantinho, com um copo de café diante de si, um rapaz magro e escuro, de suéter de lã azul e jaqueta de flanela cinzenta, abotoada. De certa forma, a suéter azul e a jaqueta cinzenta, de mangas excessivamente curtas davam-lhe o ar de um menino que decidira evadir-se para o mar; um menino que se evadira a esmo, que ia levantar-se num instante, balouçando na ponta de uma bengala, dentro de um lenço atado, a camisa de dormir e o retrato da mãe, e perder-se na noite e afogar-se... tropeçando na beira do cais, a caminho do navio... Tinha os cabelos negros cortados rente, olhos cinzentos de longos cílios, faces brancas, e a boca amuada como se estivesse determinado a não chorar... Como seria possível resistir-lhe? Quem o visse, logo sentia um aperto do coração. E, como se isto não bastasse, havia aquele seu jeito de corar... Mal o garçom se aproximava, já ele enrubescia. Dir-se-ia que acabava de sair da prisão e que o garçom soubesse do caso...

- Quem é ele, querida? Você o conhece?
- Conheço-o. Chama-se Ian French. É pintor. Fabulosamente talentoso, dizem. Certa vez, uma moça começou a dispensar-lhe ternos cuidados de mãe. Perguntou-lhe se tinha notícias de casa, e cobertores de cama em número bastante, quanto leite tomava por dia. Quando, porém, ela foi ao estúdio dele para dar uma olhada às suas meias e se pôs a tocar a campainha, a porta não se abriu, embora ela jurasse ter ouvido a respiração de alguém lá dentro... Um caso sério!